

A Maternidade e a Vocação da Mulher

Vocação vem do latim “*vocare*”, que significa chamado. Ao que nós mulheres somos chamadas. Acho que muitos de vocês nunca pararam para pensar no assunto, e essa aula vem de muita reflexão minha sobre o assunto. Porque costumo pensar o que a sociedade espera de nós, o que os meus filhos e meu marido esperam de mim. Como ser a melhor mulher que posso ser. Isso é fruto de muita reflexão sobre o assunto.

A ideia é que pensar no que é a vocação da mulher nos instale na nossa realidade feminina de uma maneira diferente. E obviamente que a maternidade está totalmente ligada a nossa vocação feminina. Queria começar com o fato de que nós mulheres temos uma inclinação, obviamente, se a nossa consciência não está abafada, as vezes abafada pelo que as pessoas falam, pela maneira que fomos educadas, pelas coisas que costumamos a ler. É próprio de nós não ter tanto medo da dor.

Nós temos uma inclinação de enfrentar determinadas coisas na nossa vida, que não tenham outra forma de lidarmos com elas. O parto é uma delas, nós temos medo do parto mas o enfrentamos. Porque temos a capacidade de ver que atrás disso, dessa dor, desse momento de certa angústia que é o trabalho de parto, vamos chegar em um bem maior. Que é ter uma criança.

E conseguimos olhar para essas situações e falar “tudo bem, vou passar por esse momento difícil, que vou sentir dor, mas enfrentarei”. A relação que a mulher estabelece com esse novo ser, é uma relação única. Completamente diferente da relação que se estabelece entre o pai e esse novo bebê. E quando recebemos esse novo bebê, essa formação do bebê dentro do nosso ventre, é de alguma forma passiva, porque se desenvolverá independentemente de nós. Só que é uma passividade de certa forma ativa. Porque é como se algo estivesse se transformando em nós – e nos transforma de fato –, formando a nossa

personalidade, mudando algo dentro de nós, que nos faz nos sentir responsáveis por aquilo.

Começamos a trocar a nossa alimentação, pesquisamos dicas, vamos atrás das informações do que podemos fazer para que ele melhor se desenvolva, tomamos vitaminas, lemos coisas, etc. Tudo isso para saber qual é a melhor maneira do meu filho se desenvolver dentro da minha barriga. Isso não acontece com os pais, por exemplo. É óbvio que a nossa relação com esse novo ser é completamente diferente.

E o que causa a admiração e o encantamento numa mãe, é o olhar que ela tem em relação a essa criatura que vem ao mundo. Ou seja, o cuidado que sabe e precisa oferecer, a estrutura necessária, para que consiga se desenvolver. Desenvolver as suas potencialidades e as suas vocações descobertas. Isso começa na gestação, mas isso se dará ao longo de toda a educação da criança. Ao longo de toda educação da criança, assim que ele nasce nós oferecemos a estrutura necessária para que se mantenha na realidade.

Se você não trocar o seu filho, se você não amamentar o seu filho, se não cuidar dele minimamente, ele vai de fato morrer. Então você o mantém na existência. Essa relação é uma relação entre mãe e filho. E nós temos isso muito forte, é difícil para uma mãe deixar o seu bebê chorar.

Isso é uma preocupação humana, os pais possuem essa preocupação, mas não dessa maneira, as mães possuem uma preocupação ativa. Porque começamos a nos cuidar, para permitir o desenvolvimento total dessa criança, ao longo da educação, nós estabelecemos essa relação da mesma forma.

A educação é um processo ativo em relação à mãe. E a criança participa também de certa forma ativamente disso, quando está mais velha.

Faz diferença ter uma mãe atenta e uma mãe preocupada com o desenvolvimento físico e intelectual dessa criança. A contribuição e a ausência materna, é muito mais grave do que a paterna. A presença de uma mãe é muito fundamental. A do pai também, a presença do pai não é uma simples ajuda, mas

se dá de maneira diferente. A paternidade é aprendida a partir de uma maternidade bem vivida. Uma mãe que não cuide de seu filho, que não tenha um olhar de cuidado, um olhar materno, ela atrapalha a vivência da paternidade pelo pai.

É preciso ajudar que esse ser se mantenha na existência, até que ele consiga caminhar com as próprias pernas. Para que a humanidade exista, é preciso ter um olhar materno à humanidade. A humanidade precisa desse olhar. Da presença de alguém que seja capaz de doar-se a si própria, por uma nova vida.

Você entende que a humanidade é feita de vários seres humanos, e para que esses seres humanos estejam presentes na realidade, alguém, uma mulher, foi capaz de doar a própria vida, de se consumir física e emocionalmente para dar a vida para esse novo ser. O primeiro berço foi dentro dela, e ela teve que cuidar dessa criança. Ela que vai proteger essa criança no seu ventre de todas as adversidades. Ninguém mais vai fazer isso. Isso começa desde a gestação, é um dom de si completo. Claro que homem e mulher juntos, geram uma nova vida. A mulher não gera uma nova vida sozinha. O homem junto com ela, com uma importância igual a dela, gera uma nova vida, mas a mulher doa-se a si própria de uma maneira completamente diferente. Pelo simples fato dela gerar aquela vida.

A mulher vai “destruir” o seu corpo, o seu corpo será consumido. Ela não terá noites de sono, terá talvez varizes, talvez adquirirá diabetes gestacional, terá que produzir leite para amamentar essa criança. É uma relação muito intrínseca, uma mudança interna. Ela se transforma fisicamente para que aquele bebê possa existir.

Há uma completa dependência do bebê desde a sua gestação. Se ela não cuidar da sua saúde física e mental, o bebê terá consequências. Ela precisa cuidar e proteger a vida desse bebê. Cabe a nós a importância dessa relação para que todas as pessoas entendam a importância de um ser humano, inclusive do pai. Nós temos o dever de proteger essas crianças, e proteger essas crianças que são

seres humanos, ter esse olhar de dom total de si, para que estejam presentes na realidade.

Foi confiado a nós mulheres mostrar ao homem quem de fato ele é. E a sua dignidade.

Se nós mulheres começamos a viver a maternidade como um sonho, como um desejo, como algo que eu preciso satisfazer, e não como uma missão que de fato ela é, a humanidade vai sofrer com isso.

A humanidade precisa desse olhar materno, desse olhar de doação, desse olhar de cuidado, para que ela continue existindo enquanto humanidade. Às vezes nos sentimos culpadas, às vezes sentimos um peso grande, mas de fato temos esse peso grande. Temos uma vocação e um chamado muito grande.

Nós de fato temos hoje a liberdade de sair de casa, de termos a nossa profissão, mas isso não nos tira a nossa principal função de cuidadora da célula da sociedade, que é a família. Se nós não executamos esse chamado, a humanidade sofre. Que é o que infelizmente está acontecendo com esse ataque às mulheres, de que as mulheres vivem numa sociedade opressora, e precisam se libertar disso. Essa é a receita para a humanidade ir para o fim. Nós precisamos conseguir dar o tom da vida humana. Nós precisamos dar o tom e mostrar para o homem, e para outras mulheres, o valor que ele e ela tem. Quando uma criança nasce e sabe o valor que a mãe dá para ela, ela sabe o valor que tem para o resto da vida dela.

Uma adolescente que teve uma mãe presente, que mostrou a essa criança todo o seu amor, todo o seu cuidado, toda a sua doação, ela é uma pessoa que tem um mito fundacional, que é bem fundada, tem caráter, tem algo que a sustenta, que a mantém firme apesar de todas as dificuldades que vão passar na vida dela. Ela sabe que alguém padeceu para que ela tivesse vida. E isso é um valor incalculável. Nós precisamos mostrar isso para os nossos filhos não no sentido de “me valorizem”. Mas mostrar para a humanidade o valor dela mesma.

Uma menina que teve uma boa mãe, vai ser uma grande mulher. O menino que teve uma boa mulher, será um grande homem.

E as mulheres que abdicaram da maternidade por algum motivo sobrenatural, ou as mulheres que não puderam ter filhos, essas mulheres também precisam viver a sua maternidade. Elas precisam dar-se da mesma maneira. Precisam cuidar. O papel da mulher é uma vivência que gera, e uma vivência que restaura.

Eu sei que talvez muitos aqui não tenham a religião Católica, mas com exemplo fica mais fácil ver, não se trata simplesmente de uma religião, mas de uma forma de você conseguir enxergar as coisas. Pensando na virgem Maria, dentro da história da salvação, foi aquela que permitiu que Deus, feito homem, se fizesse homem e salvasse a humanidade. Permitiu que a humanidade fosse salva. Foi pelo sim de Maria que a humanidade ganhou a vida eterna. Então a virgem Maria gerou não só, o filho de Deus, o próprio Deus no seu ventre, mas gerou vida a todos nós. Para que pudéssemos ter vida sobrenatural.

E além disso a igreja, enquanto instituição, é a esposa de Cristo, é o corpo místico de Cristo, e qual é o papel dessa igreja? Oferecer os sacramentos, e os sacramentos são:

- **Batismo:** dar a vida, gerar a vida sobrenatural em cada uma das pessoas que são batizadas;

- **Confissão:** restaurar a vida, se por acaso a pessoa perdeu a vida da graça;

- **Eucaristia:** se alimentar com a eucaristia, com o próprio doador de graça que é Jesus Cristo.

A igreja é a alma feminina do Cristianismo, em que a virgem Maria é o seu propósito mais perfeito. Nós podemos transpor isso para a nossa vida feminina. Nós temos o papel de gerar e restaurar a vida. Pessoas que não puderam ter filhos biológicos, ou que abdicaram da sua vida, da maternidade por um bem maior, como por exemplo, uma vocação religiosa, ou não puderam casar, etc. Existem as mais diversas histórias. Elas precisam sim cuidar dos marginalizados, cuidar das crianças que não tem família, cuidar dos idosos, cuidar dos doentes.

Ter um olhar no seu próprio trabalho em relação às coisas, de gerar vida, de conciliação e de restaurar a vida naquele momento.

Uma mulher que seja a favor do aborto, está muito mal espiritualmente. Muito longe de entender a própria vocação, o próprio chamado, e está se esquivando de fato do seu papel no mundo. Não está permitindo ter um olhar maternal e de doação completa ao mundo, e fazendo com que o mundo veja o valor que elas têm. Não se trata ser a favor do aborto, não se trata de um problema dela. Mas há uma consequência para toda a sociedade. Porque essa mulher está doente espiritualmente. Ela não sabe mais qual é o seu papel feminino dentro de toda a circunstância. A solução da dignidade da mulher, de mostrar a dignidade da mulher no mundo. E a sua vocação e o seu papel, não é só nossa. Nós precisamos, obviamente, mostrar a nossa dignidade, como por exemplo, não nos colocando como um objeto. Mostrando o nosso valor intelectual. Mostrando o nosso valor afetivo, mostrando a importância da nossa maternidade e do cuidado dos nossos filhos.

Mas a dignidade da mulher também passa pelo homem, pelo que o homem faz em relação a ela. A mulher para dispensar amor, precisa ser amada. O amor dispensado a nós mulheres, por nós mulheres, precisa vir antes de nós mesmos. Isso é uma coisa física, inclusive. Se você olhar para a anatomia de um homem e de uma mulher, o homem quando vai gerar a vida dentro da mulher, vai gerar o amor verdadeiro que é a geração de uma nova vida. É ele quem provê, é ele quem abastece, é ele quem fornece a ela numa situação de certa passividade, em relação ao espermatozóide, e ao óvulo, então uma relação de passividade. Para que a vida seja gerada. É ele que introduz nela, que a abastece para que uma vida seja gerada.

É próprio da mulher, portanto, gerar e restaurar. A mulher confia no seu potencial, confia no potencial de resposta, e na resposta da sua entrega em relação às outras pessoas. Outra relação é que o homem foi criado primeiro numa história de mito fundacional, ele veio anterior a ela, e a mulher é como se precisasse dele para existir.

Isso é uma forma de ver as coisas, e que tem uma verdade da realidade das coisas. O homem, portanto, precisa ser esse abastecimento, esse fornecimento, e a mulher para gerar a vida, precisa desse abastecimento, desse fornecimento, e dessa geração.

“Samia, eu não tenho um marido dessa forma como você está falando”. Muitas vezes os maridos, mesmo que sejam pessoas boas, estão desligados, não estão oferecendo amor como deveriam. E é por isso, e não é à toa, que as mulheres em geral são mais piedosas. Porque ela necessita desse abastecimento, para que possa dar-se. A piedade vem justamente disso. É necessário nos alimentarmos disso. E esse alimento, ainda que venha da terra, fornecido por nosso marido, ele precisa ser robusto, um alimento que vem de fato do céu. Para que consigamos exercer a nossa vocação feminina, a nossa maternidade, nós precisamos ser pessoas piedosas.

Outra coisa em relação à vocação da mulher, é a nossa fortaleza moral. Como tudo que já disse, nós viemos para gerar, para restaurar. Essa fortaleza moral. Por isso que digo que a mulher está sendo atacada, porque não importa o cuidado em relação a ela, o que ela pode fazer, se ela vai estar sendo uma pessoa injusta, ou se está cuidando da sua intimidade, se está cuidando da sua sexualidade, se está sendo uma pessoa virtuosa, isso pouco importa. O que importa é que faça o que bem deseja. Há um decaimento da moralidade geral da humanidade, justamente por conta do decaimento de cada uma das mulheres. A mulher retorna àquilo que precisa fazer, que é a maternidade, mesmo que não seja mãe, mas o seu olhar maternal, o seu olhar de ser capaz de confiar no potencial das pessoas, e na sua resposta de entrega, ela precisa conseguir fazer isso. Isso é próprio de uma mulher.

Uma viúva, uma solteira, elas precisam ter grande piedade. Porque essa injeção de amor precisa vir de algum jeito, para que consiga ser mulher verdadeiramente.

E você pode pensar “Samia, você está me pedindo uma entrega muito grande”. A mulher tem essa grande capacidade de não ter medo do risco da

doação. Na hora que ela engravida, ela não tem medo do risco de doação. Ela precisará gerar essa criança e educá-la para sempre. E essa visão de eternidade é muito própria do feminino, essa visão a longo prazo, essa visão de calma, essa visão de confiança na entrega, do potencial que as pessoas têm a dar, isso é próprio das mães. Isso é próprio da maternidade. Mesmo as mulheres que não são mães. Não ter medo do risco de doação e de fato, ao ter um filho, nós sempre temos o risco de sermos deixadas sozinhas. Eu tenho sete filhos, e tenho o risco do meu marido falecer, ou se acontecer qualquer coisa com ele. E eu preciso assumir isso, é próprio feminino. De assumir esse risco e de ser capaz de dar tudo o que tem, para que a humanidade seja gerada, perpetuada.

Mas para isso eu preciso de uma fortaleza moral, para isso eu preciso de uma piedade forte. A personalidade feminina tem uma capacidade de se entregar, sem olhar para trás. Porque ela é chamada muitas vezes na vida dela a ter que se integrar, ter que se deparar com a dor, se deparar com o enfrentamento, e não ter mais como voltar atrás.

Ao gerar uma vida, estamos gerando uma capacidade de mudança no mundo. Assumir a nossa maternidade, assumir o nosso papel. E esse é o grande motor que move o mundo no fim das contas. É óbvio que não estou tirando o papel masculino, mas como eu dizia, nós somos chamadas a mostrar à humanidade o valor que ela tem. Se a mulher perder isso, o valor dela, o valor dos filhos delas, o valor da entrega dela, a humanidade irá se perder.

Quando imaginamos que estamos nos anulando, na maternidade, o que de fato estamos fazendo é construindo uma personalidade muito forte. Estamos construindo um motor gigantesco, para de fato fazermos um mundo que vale a pena ser vivido, e que será de fato salvo pela sua entrega.

**Com carinho,
Samia Marsili**